

EU ESTAVA LÁ...

José António Pereirinha¹

ISEG, Universidade de Lisboa

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.176.4>

Passei a tarde do dia 25 de Abril de 1974 no Largo de Carmo, em Lisboa. Sim, estava lá, no coração da revolta militar. Vivi, bem perto dos protagonistas, a incerteza do desfecho. Ouvi a rajada de metralhadora com que eu vi, bem perto de mim, o jovem capitão Salgueiro Maia ameaçar o Presidente do Conselho Marcello Caetano, forçando-o à rendição. E vi, bem perto de mim, a Chaimite que o transportou para fora do quartel, assim terminando a revolução militar, fazendo cair o regime. Começava então a revolução social, a alegria da vitória, o entusiasmo pela vontade de mudar, a embriaguez pelas pequenas e grandes vitórias que com a Liberdade (re)conquistada passaram a ser conseguidas. Eu estava lá. E lá fiquei, inebriado também por tamanho

¹Professor Catedrático Aposentado.

entusiasmo. Cedo percebi que tinha vivido um momento histórico. Foi a hora do adeus. Alguém disse, entre essa massa humana:

– Para o ano este dia vai ser feriado! Sim, e nos anos seguintes também. Este ano vai sê-lo pela 50ª vez.

antes do adeus ...

Naquela 5ª feira de céu nublado, acordei ao som de marchas militares, intercaladas com canções do Zeca Afonso, do Adriano Correia da Oliveira e do José Mário Branco. Tencionava passar o dia 25 de abril de 1974 na Fundação Calouste Gulbenkian, onde o Presidente da República, Almirante Américo Tomaz, iria presidir à abertura das 1ªs Jornadas do Emprego, com uma forte presença de publicações da OIT, organização internacional que Américo Tomaz não apreciava². Estas jornadas foram organizadas pelos serviços do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, do Ministério das Corporações e Segurança Social (MCSS), em cujo Gabinete de Planeamento eu trabalhava, como jovem economista. Teria de ir, pelo interesse pessoal no tema, pelas comunicações que iriam ser apresentadas, pelas raras oportunidades de assistir a uma conferência sobre a economia portuguesa e também porque eram os serviços do ministério onde eu trabalhava que as estava a organizar.

Tinha terminado, havia alguns meses, a minha licenciatura em Economia no Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, onde já era assistente-convidado em disciplinas de Matemática. Ter sido admitido no Gabinete de Planeamento do MCSS permitia-me, acumulando com as funções de assistente universitário, desenvolver alguma atividade de investigação em matérias que me interessavam há muito tempo: a realidade do mundo do trabalho; salários; e repartição do rendimento.

Este Gabinete de Planeamento era um autêntico centro de investigação, responsável pela preparação de medidas de política nas

² Esta apreciação foi retirada da tese de doutoramento de Maria Cristina Rodrigues, “*Portugal e a Organização Internacional do Trabalho (1933-1974)*”, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2012, p. 13.

áreas do emprego, salários, repartição dos rendimentos e segurança social, bem alicerçadas em investigação sobre estas matérias, mantendo boas ligações internacionais em várias linhas de pesquisa, quer no mundo académico quer com organizações internacionais em que Portugal tinha representação. O seu diretor, Dr. João Pereira de Moura, incentivava e criava excelentes condições para a investigação, numa época onde estes recursos e estes incentivos escasseavam no meio universitário. Facilitava e incentivava os contactos com o mundo exterior, numa época em que Portugal se encontrava bastante isolado do meio universitário internacional. Criava condições para a discussão livre de temas atuais do mundo do trabalho, numa época onde a discussão pública destes temas não era livre.

No ISCEF (atual ISEG) respirava-se liberdade de pensamento, de discussão e mesmo de atuação política que caracterizavam o mundo académico no pós-Maio de 1968 e na sequência da crise académica de 1969. Estava ainda muito presente, na memória coletiva e principalmente na memória individual de cada um de nós que o vivemos de perto, como foi o meu caso, a invasão do ISCEF pela polícia de choque em Maio de 1972 e o assassinato pela polícia política, em plena reunião de estudantes, do colega Ribeiro Santos, em Outubro de 1972. Na Universidade vivia-se num oásis de Liberdade, num contexto nacional de grande repressão.

Mas havia outro oásis na sociedade portuguesa, onde eu também mergulhei: o setor progressista da igreja católica, que contestava vivamente a guerra colonial e o regime opressivo do Estado Novo, e que culminaria na vigília da Capela do Rato, no final do ano de 1972, e na ação repressiva da polícia que daí resultou e das prisões que então foram feitas. Na sequência destes acontecimentos, o Prof. Francisco Pereira de Moura, professor do ISCEF, de quem eu viria um dia a ser assistente (irmão do Dr. João Moura, diretor do Gabinete de Planeamento do MCSS, onde eu trabalhava), foi demitido da função pública, gerando um forte movimento de solidariedade na Universidade, acentuando a revolta contra o regime político.

Muitos de nós sentíamos que o ano de 1973 seria um ano de transição. Todos esperávamos que o regime caísse. Todos ansiávamos dizer adeus ao Estado Novo.

... o adeus ...

O Golpe das Caldas tinha acontecido em 16 de março de 1974. Alguns dias depois eu parti para Paris, num estágio da OCDE organizado pelo Gabinete de Planeamento do MCSS, onde trabalhava. Este estágio foi mais uma manifestação de abertura deste Gabinete para o contacto com académicos de renome internacional. Fui encontrar-me com um reputado professor da Universidade de Aix-en-Provence, com trabalho relevante na área dos salários e repartição do rendimento, que me poderia orientar nos estudos que tinha em curso sobre a repartição funcional do rendimento em Portugal. Este era um tema importante para a investigação que decorria neste Gabinete, que esteve bem presente na preparação do III Plano de Fomento (1968-1973) e também do IV Plano de Fomento (1974-1979), que não chegaria a ser implementado, para os quais foram feitos diagnósticos muito extensos sobre a repartição funcional e pessoal do rendimento e apontadas linhas de orientação política.

Era neste contexto, de análise e de pensamento sobre política económica, que eu trabalhava, e foi com a motivação para a pesquisa sobre repartição do rendimento e desigualdades do rendimento em Portugal que rumei a Paris, onde estive até ao dia 6 de abril de 1974, dia do meu aniversário, mas também o dia do funeral oficial do Presidente Georges Pompidou, quando regresssei a Lisboa. A minha presença em Paris permitiu-me respirar liberdade, contactar com um meio intelectual e universitário não comparável ao que se vivia em Portugal, lendo e refletindo sobre as minhas futuras pesquisas sobre as desigualdades do rendimento. E levou-me a uma procura obsessiva por informação, nos jornais diários, sobre a situação política em Portugal: quais as sequelas do golpe das Caldas, ocorrido dias antes? Já teria ocorrido algum segundo golpe, desta vez mais bem sucedido?

Foi preciso esperar duas semanas e meia para que tal viesse a acontecer. Nessa manhã do dia 25 de abril de 1974 toda a população de Lisboa foi aconselhada a permanecer em suas casas, por razões de segurança. Ninguém obedeceu. Mas não fui às Jornadas do Emprego, que não se realizaram. A Revolução não permitiu ao Presidente Américo Tomaz comentar depreciativamente os expositores onde estavam publicações da OIT. O regime caiu. Foi o adeus ao regime.

... e depois do adeus

Depois, foi tudo o que sabemos, o que o povo conquistou, o que os políticos disseram, prometeram, fizeram e deixaram por fazer, o que jornalistas revelaram e os historiadores investigaram, os progressos e os erros que cometemos, e as correções que fizemos. Esta é a história. Permitam-me que registre o que este despertar para a Democracia representou para mim. Como cidadão, como economista e como professor universitário.

Como cidadão, foram criados espaços de Liberdade. Com imensas dimensões e inúmeras expressões. Foi iniciado um processo, ainda em curso, de construção de cidadania política, civil e social. Foi alargado o nosso Estado Social, tendo-se de imediato iniciado a “revolução” *beveredgiana* da proteção social. Consolidou-se a Democracia e modernizaram-se as funções sociais do Estado, aproximando-o à configuração dos direitos que consagram o modelo social europeu. Como economista, é com preocupação que sinto que o tema das jornadas que não se realizaram no dia 25 de abril de 1974 se mantém muito atual, ainda que com diferentes contornos. E, realizados agora, certamente teriam muitas contribuições de bons cientistas sociais portugueses (economistas e sociólogos), utilizando abordagens teóricas e métodos muito mais avançados, alicerçados em muito melhores bases de dados, provavelmente muitas delas feitas em parceria com outros cientistas, alguns de outras nacionalidades. Muitas dessas comunicações poderiam ser retiradas de teses de doutoramento defendidas em universidades portuguesas ou estrangeiras, feitas por jovens investigadores a trabalhar como *post-doc.* em

centros de investigação nacionais. Quase nada disto seria possível antes do adeus ao regime.

Como professor universitário, consegui concretizar alguns dos sonhos que alimentei antes da revolução, e que as minhas vivências pessoais e profissionais alimentaram: a minha preocupação com a análise científica das desigualdades do rendimento em Portugal. Consegui, embora num país estrangeiro, defender uma tese de doutoramento sobre este tema. Consegui fazer uma carreira académica completa, em que pude continuar essa investigação e incorporar, no ensino e nas orientações de alunos, a minha reflexão sobre estas matérias e o estudo de um tema que só muito mais tarde retomou a relevância que teve nos primórdios da economia política.

Não sei, nunca saberei, em que medida foi a liberdade conquistada em *25 de Abril de 1974* que permitiu que os meus sonhos viessem a ser realizados. Mas admito que muita influência terá tido. Posso pelo menos dizer que quer os estímulos que criou quer as alterações de contexto que originou foram determinantes. Por isso, na minha intimidade, festejo o 50º aniversário desta Revolução.

